

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE  
EDIÇÃO 2012

Vanessa Farenzena

**GENTE QUE RI**  
**O Riso em Sala de Aula**

Porto Alegre  
2012

Vanessa Farenzena

**GENTE QUE RI**  
**O Riso em Sala de Aula**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Especialização em Pedagogia da Arte do  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientador:

*Prof. Dr. Sérgio Andrés Lulkin*

Porto Alegre  
2013

*À Isadora Fernandes Ribas, por me acompanhar nos primeiros passos como docente e me ensinar que é mais prazerosa uma sala de aula onde as crianças se divertem.*

*Aos meus alunos, pelos desafios apresentados diariamente, por ajudarem a me descobrir como professora e pelo riso farto que me concederam para essa pesquisa.*

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

...aos colegas do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, pela partilha de conhecimento, pela troca de vida, pelos trabalhos em grupo, pelas conversas de corredor. Em especial: à Tanise, pelas conversas, desabafos e pelo abraço; ao Crhistian, Taináh, Diana, Ana Cândida, Jaqueline Lunkes, Rodrigo, Nivaldo, Josué, Leandro, Mabel, Leandro, Mateus, Sofia, pela presença marcante.

...aos professores do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, pela ampliação dos horizontes, pelas experiências em sala de aula. Em especial ao Professor Maximo Daniel Lamela Ado, por me provocar à pensar; à Professora Luciana Prass, pela alegria das nossas aulas e pelo exemplo de trabalho comprometido com a realidade.

...ao meu orientador, Professor Sergio Lulkin, pela confiança e por me fazer acreditar que era possível.

...às pessoas que cruzaram comigo durante a graduação e, de alguma forma, transformaram minha relação com a educação: Isadora Ribas, Laisa Guariente, Livia Amorin, Patricia Gontan, Lúcia Nunes, Vanessa Freitag.

...aos meus amigos, pela paciência, por entenderem meus momentos de isolamento.

...aos meus pais, pela presença, pela confiança e pelo incentivo aos estudos.

...à Deus, Pai e Mãe, que me permitiu a vida.

*E que seja tida por nós como falsa toda a  
verdade que não acolheu nenhuma  
gargalhada.*

*(Zaratrusta)*

## RESUMO

A monografia aborda a questão do riso em sala de aula, onde ele surge e como pode influenciar as relações existentes entre alunos, entre alunos e professor. Construção que se dá a partir da pergunta de Larrosa<sup>1</sup> (2000, p. 171) “o que acontece então na Pedagogia para que se ria tão pouco?”. Dialogando com autores como Larrosa (2000), Alberti (1999), Bergson (1987), Justo (2006), Lulkin (2007), entre outros, faz-se uma leitura de como eles compreendem o riso na história e sua presença na educação. A pesquisa se dá com 25 alunos de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, no município de São Leopoldo. Caracteriza-se como uma pesquisa de participação-observação, pois o ambiente da pesquisa é o mesmo de trabalho da pesquisadora. Das observações retirou-se seis cenas envolvendo situações em que o riso esteve presente, analisadas no diálogo com os autores acima citados. O procedimento para análise dos dados coletados caminha pela descrição detalhada da cena, identificação da situação em que se encontravam as pessoas que riam e qual era o objeto do riso. No desenvolvimento desse trabalho percebe-se a dificuldade e a importância de dar lugar ao riso em sala de aula. Dificuldade por ser ele um elemento que questiona e desestabiliza a ordem estabelecida. Importante por ser um potencializador do bom encontro, das novas descobertas, do potencial criador. Fica o desafio de pensar o riso como instrumento pedagógico nas mãos do professor.

Palavras-chave: **Educação, riso, sala de aula.**

---

<sup>1</sup> LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas, mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dias dos registros para a pesquisa .....	11
Figura 2 - Capa do livro.....	19
Figura 3 - Explorando o livro.....	19
Figura 4 - Recorrendo ao dicionário.....	20
Figura 5 - Recorrendo ao dicionário.....	20
Figura 6 - Construindo as ilustrações .....	21
Figura 7 - Construindo as ilustrações.....	21
Figura 8 - Exposição dos trabalhos .....	22
Figura 9 - Encontro com o autor.....	22
Figura 10 - Ilustração do poema.....	26
Figura 11 - Ilustração do poema.....	26
Figura 12 - Ilustração do poema.....	26
Figura 13 - Ilustração do poema.....	26
Figura 14 - Ilustração do poema.....	27
Figura 15 - Ilustração do poema.....	27
Figura 16 - Escondendo o rosto.....	28

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>5</b>
<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>6</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1 UM CONVITE À LEITURA.....	8
1.2 OS MOTIVOS .....	9
1.3 O CAMINHO PERCORRIDO .....	11
1.4 O LUGAR E OS SUJEITOS.....	12
<b>2 A SALA E O RISO .....</b>	<b>14</b>
2.1 A JAULA, OU SERIA SALA? .....	14
2.2 QUE RISO É ESSE? .....	15
<b>3 RETRATOS DA ESCOLA .....</b>	<b>18</b>
3.1 AS ATIVIDADES PROPOSTAS.....	18
3.2 CENAS DA SALA DE AULA .....	22
<b>4 REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>29</b>
<b>5 POR QUE PERMITIR O RISO EM SALA DE AULA? .....</b>	<b>35</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 UM CONVITE À LEITURA

Este trabalho é fruto do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, edição 2012, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Das discussões em sala de aula, na Faculdade de Educação, surgem minhas reflexões sobre minha prática docente em sala de aula e, delas, minha necessidade de pensar o riso. Ele é o elemento central deste trabalho.

Primeiro, apresento pontos que considero essenciais em minha formação acadêmica: a aproximação e encantamento com a educação e as dificuldades de uma vida docente que se inicia. Depois, discuto a ideia de que se ri pouco, ou quase nada, em sala de aula. Dialogo com alguns autores que abordam o riso no decorrer da história e na sua relação com o pensamento, entre eles Larrosa (2000), Alberti (1999), Bergson (1987), Justo (2006) e Lulkin (2007). Assim, me proponho a observar atividades e momentos em que o riso é provocado, como ele interfere nas relações entre professor e aluno e entre os próprios alunos.

No recorte das cenas de riso, apresento a descrição detalhada do momento. Quem ri, porque ri, o objeto do riso. O que dizem alguns autores sobre esse momento em que a alegria vinda do riso invade a sala de aula.

Rir traz benefícios para a saúde, nos diz a medicina. A ação dos Doutores da Alegria<sup>2</sup> confirma a afirmação. Sigo a escrita dissertando não só sobre a importância de rir em sala de aula, como também sobre a necessidade de pensá-lo enquanto instrumento pedagógico.

Assim, convido o leitor a me acompanhar por essas páginas e dar-se conta do quanto o humor e a alegria vindos dos momentos de riso estão presentes em nosso cotidiano, como nos fazem bem e nos deixam mais disponíveis à interação com o outro e à busca do conhecimento.

---

<sup>2</sup> “Os Doutores da Alegria têm como missão promover a experiência da alegria na adversidade por meio da arte do palhaço. Desde 1991, atuam junto a crianças hospitalizadas, seus pais e profissionais da saúde, colaborando para a transformação do ambiente onde se inserem”. Disponível em: <http://www.doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-os-doutores/>. Acesso em: 03 jan. 2013.

## 1.2 OS MOTIVOS

Caminhar pelos corredores da escola. Observar a sala de aula das outras professoras. Perceber como mantêm as classes alinhadas, as crianças sentadas em seus lugares se relacionando com seus cadernos. As professoras em seus lugares de professora, ali, perto da mesa grande, na cadeira estofada. Sinto-me incomodada. Ora por não saber fazer isso, ora por não compreender como é possível a aprendizagem num ambiente tão sério. Silêncio, solidão, carrancas. Não é um retrato geral da escola, mas é uma cena, um recorte, um momento, um quadro seguidamente visto.

Soma-se a essa imagem, incômoda a meus olhos, o registro em uma planilha de anotações diárias sobre uma turma com a informação de que “fulano perturba a aula, pois ri o tempo todo”. Ao ler isso, lembrei da pergunta de Larrosa (2000, p. 171) “o que acontece então na Pedagogia para que se ria tão pouco?”

A imagem, a planilha, o riso do menino, a pergunta de Larrosa e a culminância em um momento de autocrítica do meu fazer pedagógico em sala de aula. Um cansaço assombrava meu corpo de professora. Assim, lancei meu olhar para a faculdade de pedagogia, busquei em minhas memórias o desabrochar das minhas paixões pela educação e a opção por ser professora, na tentativa de encontrar o prazer dentro da escola.

Retomar essa trajetória até chegar ao contexto escolar em que estou inserida e onde aconteceu minha pesquisa foi um passo importante.

Minha paixão pela educação nasceu depois de algum tempo já cursando Pedagogia, mas este interesse não foi fruto das aulas de didática ou currículo (sem com isso, de maneira nenhuma, desmerecer o valor que elas têm). O que deu vida a tal sentimento foi a descoberta da arte e da educação popular<sup>3</sup>, duo que me fez acreditar que a educação pode ser diferente, transformadora, geradora de vida. Ao encontrar um campo da educação que me despertava curiosidade e prazer, procurei por ele, também, em algumas disciplinas da graduação. Cito aqui as aulas de Educação e Teatro, com a professora Lucia Nunes, em que as paredes da sala não

---

<sup>3</sup> Optei por deixar em negrito as expressões que estão marcadas no primeiro rascunho e que não consegui desdobrá-las nessa segunda versão para que me dê alguma dica de como fazer isso. Outras observações virão em notas de rodapé também.

eram o limite do nosso aprendizado, as experiências vividas iam além das ideias, leituras e discussões e chegavam ao nosso corpo por meio de jogos, risos, intervenções, criações. As aulas de Artes Visuais, com a professora Vanessa Freitag, com sua exploração de materiais e produções que nos permitiam partir das experiências de vida de cada uma. A participação no projeto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), conhecendo a forma de fazer educação das Escolas Itinerantes dos acampamentos.

Ao concluir o Curso de Pedagogia, optei por experimentar, num primeiro momento, um lugar de educação que não fosse a escola, trabalhando, como educadora social em uma casa-lar que acolhe adolescentes em situação de risco, um abrigo que acolhe meninas recolhidas da rua ou retiradas de suas famílias por determinação do órgão responsável. Num segundo momento, me descobrir como professora, atuando na escola, com o intuito de colocar meu corpo em contato com a sala de aula e, a partir da prática, desvendar suas possibilidades.

Trabalhei durante um ano em uma escola de educação infantil na rede municipal de Cidreira e, desde abril de 2011, trabalho em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental em São Leopoldo, onde atuo, nesse ano de 2012, em uma turma de Educação Infantil (com alunos de 5 anos), uma turma de segundo ano e duas turmas de terceiro, com as disciplinas de Artes e Ensino Religioso.

Optar pela escola como espaço de atuação profissional não foi a realização do sonho de ser professora, mas a concretização de uma necessidade de pedagoga. Tinha, e ainda tenho, muitas críticas ao sistema educacional, mas entendia que era importante estar em sala de aula, sendo afetada pelos movimentos da escola para poder falar com mais propriedade sobre isso. Acreditava saber como agir para fazer diferente, para mudar o que me incomodava, julgava ter respostas para a rigidez da escola, mas, em pouco tempo, me vi quase engolida pelo fazer pedagógico mecanizado.

Dar-se conta disso me fez perceber que minhas certezas sobre a prática não eram tão úteis quanto eu imaginava e que eu não poderia transformar nada se não me permitisse experimentar sem a preocupação de ter o controle da sala de aula, daquilo que supostamente ensino e que meus alunos, supostamente, estariam aprendendo.

Ao me perceber perdida na função de docente, acabei dando espaço para a possibilidade de, não só reinventar o espaço da sala de aula, como me reinventar

como professora. E o exercício que me propus fazer foi observar as mudanças que passamos, eu como professora que se permite experimentar, sem ser maçante em minhas aulas, sem ser rígida em meus planejamentos, sem ser surda às vozes das crianças. E elas, na maneira como reagem à possibilidade de uma participação ativa, ao serem ouvidas, ao movimentarem seus corpos no espaço escolar. Assim, cheguei à questão central desse trabalho que procura em que momentos o riso se apresenta na sala de aula e como ele influencia as relações existentes entre professores e alunos e entre alunos.

### 1.3 O CAMINHO PERCORRIDO

Experimentar o momento e seus fluxos, registrar o caminho percorrido ao propor formas de agir que burlem a mecanicidade da prática pedagógica, a possibilidade de abrir uma brecha para a entrada do prazer, da liberdade e do riso em sala de aula.

As observações, registros e intervenções aconteceram nos meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2012, conforme a figura a baixo. O foco das atividades em sala de aula nesse período foi o Projeto Leituração<sup>4</sup>, com um trabalho desenvolvido a partir do Livro Arca de Haicais, do autor Luís Dill.

Setembro 2012							Outubro 2012							Novembro 2012						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
						1		1	2	3	4	5	6					1	2	3
2	3	4	5	6	7	8	7	8	9	10	11	12	13	4	5	6	7	8	9	10
9	10	11	12	13	14	15	14	15	16	17	18	19	20	11	12	13	14	15	16	17
16	17	18	19	20	21	22	21	22	23	24	25	26	27	18	19	20	21	22	23	24
23	24	25	26	27	28	29	28	29	30	31				25	26	27	28	29	30	
30																				

Figura 1 - Dias dos registros para a pesquisa

<sup>4</sup> O Projeto Leituração é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Leopoldo e tem por objetivo trabalhar com a leitura literária na escola, proporcionando contato dos alunos com obras de escritores (gaúchos) contemporâneos, bem como com a figura do escritor, quando de sua visita à escola, por intermédio do trabalho orientado pelo professor como mediador de leitura.

Irão me acompanhar, nos dias desse recorte, um diário e uma máquina fotográfica, para registro de vídeo e imagem. No diário, os escritos sobre as expectativas do meu corpo de professora para a atividade a ser realizada, seguidos dos movimentos que aconteceram em aula, tanto daqueles vividos por mim, quanto daqueles que percebi no corpo das crianças. Nos vídeos, um recurso para o momento de análise da experiência, um suporte para o trabalho. Nas fotografias, um registro do nosso processo de criação em sala de aula.

Na análise do material coletado, pretendo dar atenção ao objeto que foi provocador do riso em sala de aula, que reações gerou e às mudanças na forma de interação em sala de aula.

Por ser uma pesquisa realizada em meu ambiente de trabalho, venho caracterizá-la como participação-observação, pois, segundo Vargas (2006), ela se dá, por exemplo, quando o pesquisador realiza sua investigação no mesmo lugar em quem atua como profissional. Esse método se aproxima com a ideia de cartografia, pois essa

é um modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo [...], o papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele. (ROMAGNOLI, 2009, p. 170)

Assim, compreendo a importância do meu olhar sobre o campo estudado, considerando o fato de fazer parte dele não só como pesquisadora, mas como profissional, como professora, que dia-a-dia interage com o espaço da escola, da sala de aula, se movimenta entre e com os alunos.

#### 1.4 O LUGAR E OS SUJEITOS

A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental com aproximadamente 900 alunos, localizada na zona norte de São Leopoldo. Neste lugar, durante o ano de 2012, minha prática se deu como professora de Artes e Ensino Religioso de uma Turma de Educação Infantil, com alunos de cinco anos, uma turma de segundo ano e duas turmas de terceiro ano.

Escolhi, como recorte para a realização deste trabalho, uma turma de terceiro ano, com 25 alunos entre 8 e 11 anos, sendo 11 meninas e 14 meninos. Alguns já alfabetizados, outros, ainda em processo de reconhecimento das sílabas.

## 2 A SALA E O RISO

Abordar o riso como elemento pedagógico em sala de aula é uma tentativa de transformação desse espaço, que se constitui, muitas vezes, da forma como descrevi no início desse texto, algo proibido nos momentos de seriedade, algo que é permitido na hora do recreio ou da brincadeira, desde que de forma contida, pois o riso, muitas vezes, não parece ser compatível com a postura exigida no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, considero importante entendermos como a sala de aula tomou a forma atual e porque é difícil atribuir-lhe outras nuances.

### 2.1 A JAULA, OU SERIA SALA?

Para Dussel e Caruso (2003, p. 24)

a ideia de sala de aula elementar é uma invenção do ocidente cristão, a partir de 1500, e que nesse processo a pedagogia utilizou-se de muitas argumentações diferentes para dar corpo e forma a esse espaço,

o que não descarta a existência de outras experiências pedagógicas, outros espaços educativos, antes disso:

A sala de aula implica uma estrutura de comunicação entre sujeitos. Está definida tanto pela arquitetura e mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia que aparecem na sala de aula tal como a conhecemos, e que são tão básicas no momento de ensinar que muitas vezes passam despercebidas. (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 37)

Assim, a sala de aula acaba por negar o corpo e o movimento, modelo que atinge, não só o educando, como também outras pessoas envolvidas no processo de escolarização direta ou indiretamente. É nesse espaço que convivem professor e aluno, educador e educando. São corpos que interagem, um que enquanto ensina está aprendendo e o outro que ao aprender também está ensinando.

Porém, o fato de ocuparem uma sala não significa, automaticamente, que a habitam. “Quando alguém apenas ‘ocupa’ um espaço, trata-se de uma estrutura que já existe: móveis, rotina, tudo já está lá e nos espera”, é uma ocupação feita de

“maneira passiva, na qual simplesmente nos acostumamos a coisas já existentes” (CARUSO, DUSSEL, 2003, p. 26).

Mais do que ocupar a sala de aula precisamos habitá-la e isso quer dizer dar significado a ela. Construí-la conforme os gostos de quem a ocupa, sermos ativos dentro dela. Educador e educando criam um espaço de descoberta de si como corpo no mundo e com o mundo. É a partir da relação destes corpos que se pode dar novo significado à sala de aula.

## 2.2 QUE RISO É ESSE?

Para tanto, é necessário explicitar que riso é esse. Dessa forma, percorro a reflexão de alguns autores, na busca por algumas definições e reflexões sobre o riso.

O riso e o choro, para Justos (2006, p. 103) caracterizam-se como

duas expressões efetivo-emocionais básicas do ser humano. [...] Ontologicamente o choro é mais primitivo e praticamente inaugura a presença do ser humano no mundo [...]. O riso aparece um pouco mais adiante [...] e, curiosamente, começa a manifestar-se diante da figura humana.

Justo (2006, p. 104) relaciona o aparecimento do riso "com maior eloquência diante da percepção da figura humana pelo bebê. [...] A criança praticamente ri a toda hora que vê outra pessoa, mais precisamente quando visualiza o rosto do outro". O bebê, além de diferenciar a figura humana de outros objetos, sente prazer, demonstra alegria ao reconhecer "outro ser humano". Ele, o riso, acompanha a descoberta que a criança faz do outro ser humano e de si mesma. É parte fundamental da descoberta do “Eu” e do “Outro” no mundo.

Bergson (1987, p. 12) chama atenção, no início de seu texto, para o fato de que “não há comicidade fora do que é propriamente humano” e justifica isso dizendo que ao se rir de um chapéu, não é do material de que ele é feito que rimos, mas da forma que lhe foi dada, “o molde da fantasia humana que ele assumiu” (1987, p. 12). Assim, o que nos provoca o riso, para Bergson, é sempre algo que tenha relação com a natureza humana, ou que nos remeta de alguma forma a ela. Além disso, não é um riso isolado, mas coletivo. “O nosso riso é sempre o riso de um grupo” (1987, p.



13). E é importante para compreendê-lo que o coloquemos “no seu ambiente natural, que é a sociedade” (1987, p. 14).

Alberti (1999) faz reflexões sobre o riso e o pensamento presentes na história ocidental, fazendo referência a muitos autores e situando o lugar ocupado pelo riso em diferentes séculos da nossa história. Ao abordar o assunto, no contexto do século XX, a partir do estudo de Bataille, apresenta o riso como

a experiência do nada, do impossível, da morte – experiência indispensável para que o pensamento ultrapasse a si mesmo, para que nos lancemos no ‘não conhecimento’. Ele [o riso] encerra uma situação extrema da atividade filosófica: permite pensar (experiência refletida) o que não pode ser pensado (ALBERTI, 1999, p 14-15).

E a visão de Foucault, na qual o riso “é provocado por um ‘não-lugar’: um espaço onde o pensamento não chega e onde a linguagem não pode manter juntas as palavras e as coisas” (FOUCAULT apud ALBERTI, 1999, p. 16). Ri-se daquilo que o pensamento não pode prever, preparando o movimento em direção ao desconhecido.

Referindo-se a Freud, Alberti acrescenta que

os jogos de palavras [...] nos causam prazer porque nos dispensam do esforço necessário à utilização séria das palavras. [...] Percebe-se assim que a racionalidade do cômico difere da racionalidade pela qual normalmente apreendemos o mundo, e essa diferença [...] é a própria causa do riso. (ALBERTI, 1999, p. 17-18).

Larrosa (2000, p. 170), em seu livro *Pedagogia Profana: danças piruetas e mascaradas*, aborda o riso como “um componente dialógico do pensamento sério. E um elemento essencial da formação do pensamento sério”. Assim, o riso que aparece nessa escrita não é o riso descompromissado que aparece na hora do recreio<sup>5</sup>, mas o riso que aparece na sala de aula, não como fuga do pensamento sério, mas como parte dele, como parte do processo de ensino-aprendizagem. Quero falar do riso que, segundo Larrosa (2000, p. 171) “se mete desrespeitoso,

---

<sup>5</sup> Não tenho a intenção de descaracterizar ou menosprezar o riso da hora do recreio, mas enfatizo, nesta pesquisa, o riso que acompanha o pensamento em momentos de aprendizagem em sala de aula.

irreverentemente, no domínio do sério. Ao riso que se ri precisamente naquilo que a Pedagogia marca como não risível”.

Lulkin destaca “quatro atitudes em direção ao conhecimento do humor e do riso: a observação, a escuta, a abertura para o outro e a disposição para o jogo” (2007, p. 23), elementos que considero importantes na relação professor-aluno em sala de aula, pois, dessa forma, o riso se apresenta como maneira de aproximar crianças e professor, de permitir que ambos fiquem mais à vontade para movimentar corpo e mente. Pois, “no diálogo da palavra direta há uma ideia talvez demasiadamente imóvel de diálogo, [...] no entanto, quando entra o riso, o diálogo é diferente” (LARROSA, 2000, p. 179).

É um riso que aflora no meio da aula, que surge das interações, que pode “aparecer como algo que surpreende, um evento inesperado, que irrompe entre outros momentos denominados como sérios” (BERGER, 1998, p. 30 apud LULKIN, 2007, p. 79).

Lulkin (2007, p. 83) aponta ainda que

o riso pode ser compreendido como algo que diverge, que promove um distanciamento dos eventos do presente, em alta velocidade, como possibilidade de reflexão sobre um determinado acontecimento. O riso implica, sempre, mobilização corporal. Também podemos entender o riso como uma atitude filosófica junto ao próprio pensamento, percebendo o que se pensa sob uma ótica humorada. Esse riso implica, também, mobilização intelectual. Nos espaços de ensino e aprendizagem, o risível e o ridículo se tornam objeto de conhecimento e de experimentação, seja com maior ênfase ao corpo ou ao intelecto, ainda que essa separação "prática" esteja superada por uma compreensão de totalidade do ser humano.

Essas reflexões sobre o riso vão acompanhar a descrição das cenas acontecidas em sala de aula e a atenção dada, principalmente, aos momentos de riso que são o foco deste trabalho, além de outros autores com os quais sigo dialogando.

### 3 RETRATOS DA ESCOLA

Trago, no decorrer do texto, algumas cenas que registrei no cotidiano escolar e, a partir delas, converso com autores e teço minhas considerações a respeito do assunto que o trabalho vem abordando.

Aproxima-se a hora do recreio, os alunos esperam ansiosos pelo sinal, a professora se esforça para manter a ordem na sala. De repente o tão esperado trrrriimmmmm. É hora do recreio. Os corpos disparam em alta velocidade para o pátio, para a fila da pracinha, para encontrar seus amigos. Brincadeiras, risos, gritos acompanham o recreio com seu ritmo acelerado. Trrrrimmmmmmm! Acaba o recreio. Corpos suados, cansados, voltam para o lugar da fila. A professora espera que se acalmem para que se dirijam à sala de aula. Acabou a festa. Hora de voltar para a coisa séria, para o estudo.

Por que a coisa séria não pode andar junto com o riso, com a alegria? Por que o riso nem sempre é bem-vindo na sala de aula? No pouco tempo em que transito nesse mundo escolar como professora, percebo que, apesar das dificuldades, é possível transgredir a coisa séria, é possível deixar uma fresta da porta aberta, para que o riso consiga entrar e se espalhar, também, pela sala de aula.

Segunda-feira. Trrriimmm. Início da aula. Chego próximo ao local da fila da turma em que terei aula durante toda a tarde. Um aluno corre em minha direção. “Sôra, sôra! Qual será a diversão da aula de hoje?”. Eu sorrio para ele. “Isso é uma escola ou um parque de diversões?”. Sorrimos um para o outro e vamos para a sala.

Essa pergunta me ajudou a perceber que, de certa forma, estava conseguindo levar para a sala de aula o riso de mãos dadas com o sério.

Para Lulkin (2007), o caminho da seriedade, por mais que possamos compreendê-lo como tal, não é o único possível. Para verificar essa afirmação, destacarei abaixo algumas cenas coletadas em sala de aula durante as observações de minha pesquisa. Mas, antes disso, exponho como se deram as atividades das quais as cenas surgiram.

#### 3.1 AS ATIVIDADES PROPOSTAS

As atividades foram baseadas no Projeto Leituração, como já citei no início do texto e se deram em torno do livro *Arca de Haicais*, do autor Luís Dill (2010). Separei aqui as atividades em dois grupos. O primeiro em torno da exploração e conhecimento do livro. O segundo em torno da produção das crianças.

No primeiro grupo – exploração e conhecimento do livro – as crianças, em pequenos grupos, fizeram o primeiro contato com o material, contato manual, visual. Exploraram as gravuras, o texto. A seguir, autor e ilustradora, que função cada um desempenha na criação do livro. Biografia do autor.

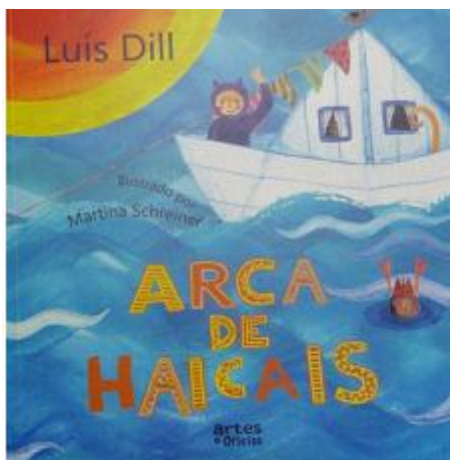


Figura 2 - Capa do livro



Figura 3 - Explorando o livro

Partimos para o uso do dicionário na busca pelas palavras arca e haicais. Esta tarefa nos ajudaria a compreender a forma e o conteúdo dos poemas do livro. Desta etapa das atividades retirei a primeira cena a ser realizada e que pode ser encontrada abaixo. As crianças, depois de brincarem com o dicionário a seu modo, encontraram as palavras pretendidas, leram e escreveram seus significados no caderno.

Na aula seguinte, na tentativa de relembrar os significados das palavras, criei e encarnei um personagem, um extraterrestre, que não conhecia nada desse mundo e chegando na sala de aula, as crianças deviam encontrar formas de lhe fazer entender o significado das duas palavras. Mais uma cena de riso que será esmiuçada a seguir.

A leitura em grupos já havia sido realizada. Partimos então para uma leitura coletiva. Os livros circulavam entre as mãos dos alunos e cada um lia um poema. Uma, duas, três leituras completas do livro, até que todos se sentissem satisfeitos com a quantidade de trechos lidos.



Figura 4 - Recorrendo ao dicionário



Figura 5 - Recorrendo ao dicionário

Leitura feita. Hora de escolher o poema que mais chamou a atenção. Cada criança fez a escolha do seu poema. Escreveu no caderno. Seguimos para a identificação de como os poemas foram construídos. Três versos curtos, ou três frases, uma em cada linha, pelas palavras das próprias crianças, em que a última palavra da primeira linha, ou verso, rimava com a última palavra da última linha, ou verso. Seguem alguns exemplos retirados do livro *Arca de Haicais* (Dill, 2010):

Papagaio falador  
Joga piadas  
No ventilador

Ovelha usa  
Nuvem  
Como blusa

O pato é chato  
Só toma sol  
Servido no prato

O gato jura  
Que até na lua  
Se dependura

Essas foram as atividades que constituíram a primeira etapa do trabalho. Trago agora as atividades da segunda parte, que denomino de atividades de produção, onde as crianças se empenharam em construir suas rimas e, a seguir, ilustrá-las.

Com o conhecimento da estrutura do poema em mente e em mãos, pedi para cada criança escolher um animal e criar o seu poema. Atentas, sempre, às três

linhas e às rimas. Quem estivesse com dúvidas poderia solicitar ajuda e quem estivesse com o poema pronto devia mostrar para mim e escrever em uma folha para entregar.

De fato, acreditei que a realização da tarefa pudesse se dar, tranquilamente, dessa forma. Um forte engano. Não consegui dar atenção a todas as crianças. Muitos chamados, inúmeras solicitações de ajuda, confusão, certo clima de desconforto. Mudança de planos dentro do plano. Optei por trabalhar coletivamente cada poema no quadro, atividade da qual retirei outra cena de riso que será abordada abaixo.

Depois de algumas aulas trabalhando na construção de rimas, processo que mesmo tendo tomado um tempo muito grande não se tornou pesada ou cansativa, partimos para a ilustração. Primeiro autores, agora ilustradores.

Em folha A4, as gravuras foram construídas com recortes de jornais e revistas e com desenhos e pinturas. Os textos foram colocados nos desenhos, também, com recortes. Outra atividade que se estendeu por muitas aulas, mas que teve um grande envolvimento por parte dos alunos.



Figura 6 - Construindo as ilustrações



Figura 7 - Construindo as ilustrações

Os trabalhos foram apresentados aos colegas e seguimos para o ensaio da apresentação dos poemas, que seria feito no dia do encontro com o autor Luís Dill, no auditório da escola, junto com outras turmas. Porém, diante da resistência dos alunos em se apresentar, declamar, diante de outros colegas, sugeri a gravação de um vídeo. Em vez de cada aluno falar em público, falaria para mim e para a câmera.

O resultado final, o vídeo com os poemas seria, então, apresentado no encontro. A proposta foi aceita. Gravamos.

No tão esperado dia do encontro com o autor, os alunos estavam ansiosos e alguns deles passavam na frente da sala dos professores perguntando se ele já havia chegado, outros afirmando já tê-lo visto pelos corredores. Já no auditório, turmas organizadas nas cadeiras, chegou o momento de apresentar o vídeo. O riso foi vasto, inevitável, material para mais uma cena deste trabalho.

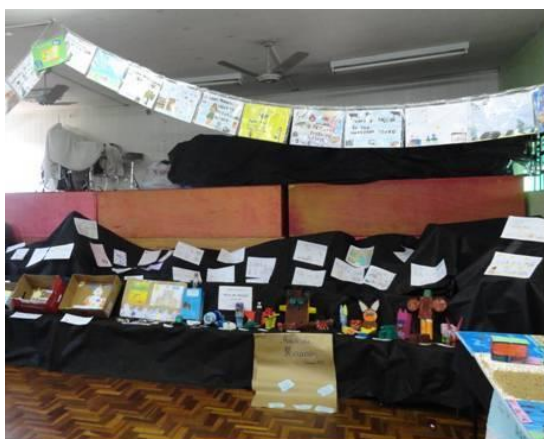


Figura 8 - Exposição dos trabalhos



Figura 9 - Encontro com o autor

Esse foi o roteiro do qual retirei as cenas abaixo, detalhando mais especificamente os momentos de riso.

### 3.2 CENAS DA SALA DE AULA

#### Cena 1: Descobrimo o dicionário - O riso envergonhado do corpo

O primeiro contato com o livro *Arca de Haicais*<sup>6</sup> foi um momento de exploração e manipulação do material, mas logo veio a primeira pergunta: “Sôra, o que é haicais?”. Para responder à pergunta recorri ao dicionário e deixei que as crianças encontrassem a resposta. Foi minha primeira experiência com dicionário em sala de aula e o primeiro contato da maioria da turma com ele.

Antes de encontrar “arca” e “haicais”, as crianças passaram pelos mapas, pelas imagens do corpo humano e por outras palavras. No primeiro momento,

<sup>6</sup> De Luís Dill, já citado no decorrer do texto.

pensei em interromper aquela algazarra e direcionar logo a pesquisa para o que era de nosso (ou meu) interesse, mas observando as reações, trocas e risos que começaram a acontecer, deixei a turma explorar o material à sua maneira.

O maior alvoroço se deu com as imagens e palavras referentes ao corpo humano, mais especificamente no que se referia aos órgãos do sistema reprodutor. As crianças riam e comentavam entre si, com as bochechas avermelhadas, “olha isso”, enquanto apontavam para as figuras. Quando eu me aproximava das mesas ficavam um pouco receosas em me mostrar do que tanto riam, mas, aos poucos, começaram a perguntar o que é saco escrotal, uretra, óvulo, ovário, “tem isso dentro da gente?”, “pra que serve?”, “é igual nos meninos e nas meninas?”.

Selecionei essa cena, pois me chamou a atenção a forma como nosso próprio corpo pode despertar o riso das crianças. Que riso é esse? No início me parece um riso envergonhando, como se o que estivessem falando fosse muito obsceno, proibido de se dizer. Eu poderia ter reprimido o riso, cheguei a pensar nessa possibilidade, e exigido que voltássemos ao foco da pesquisa, mas essa atitude poderia reforçar a ideia de que o corpo humano é feio, não pode ser mencionado, nem tocado.

Entrei no ritmo das crianças, fui tentando responder às perguntas. Algumas crianças agiam com estranheza ao perceber a naturalidade com que eu falava do assunto, mas se motivavam para encontrar novas palavras, novas partes do corpo e novas perguntas.

O motivo do riso aqui é o próprio corpo humano, algo que nos acompanha a vida inteira e que, muitas vezes, pode ser um estranho para nós, pois é proibido tocá-lo ou falar dele.

## Cena 2: Um extraterrestre pede informações - Rindo de um personagem

Na semana seguinte, ao retomar a atividade com o livro “Arca de Haicais”, iniciamos relembando o significado das palavras “arca” e “haicais” que, na semana anterior, tinham sido retiradas do dicionário.

Expliquei que chegaria na sala um extraterrestre que não conhecia nosso mundo e que não sabia o significado das palavras que estávamos acostumados a utilizar e que teriam de explicar para ele o significado das palavras mencionadas acima.



Saí da sala, fiz algumas modificações na roupa e no cabelo, assumi outra voz e outra postura ao caminhar, quando retornei para a sala as crianças entenderam na hora que era o extraterrestre, e não eu, que estava entrando. Surgiram os primeiros risos. Perguntei o que estavam fazendo, vieram as primeiras explicações das palavras. Eu, digo, o extraterrestre, dizia não conhecer aquelas palavras e não entender o que estavam dizendo. Algumas crianças começaram a procurar outras formas de explicar as palavras, fazer relações com outros objetos, fazer gestos. A cada nova manifestação, o riso, quase generalizado, da turma.

O extraterrestre, após se sentir satisfeito com a explicação, se despediu e foi embora. Voltei para a sala e tive uma surpresa, alguns alunos perguntavam “Sôra, tu era que era o et né?”, outras respondiam afirmando que sim, outras ainda, diziam que não. Claro que era eu, eu saí da sala e logo voltei e apenas mudei alguns detalhes. Mas, me surpreendeu a forma como entraram na brincadeira, como encararam a presença de um personagem na sala de aula e como se divertiram com ele.

Cena 3: Eu nunca falei para tanta gente em toda minha vida – O riso como marca da experiência estética

No dia da leitura coletiva dos poemas do livro Arca de haicais, cada criança escolheu o poema que mais gostou, copiou no caderno, decorou e depois declamou para os colegas. Foram reações diversas. A que mais me surpreendeu foi de um aluno que geralmente não termina as atividades realizadas em aula e, na maioria das vezes, parece nem prestar atenção ao que está acontecendo.

O menino, quando perguntado sobre o local que tinha escolhido para declamar, devolveu a pergunta o que é para fazer? Parecia nem saber o que estava acontecendo na sala. Recebeu, novamente, a explicação. O colega seguinte apresentou. Voltou a vez para o menino em questão, que disse já estar pronto para apresentar. Levantou-se, foi até a frente da sala, subiu na cadeira, apresentou o poema escolhido, sentou na cadeira e com olhos brilhantes, um tanto boquiaberto e sorridente disse: eu nunca falei pra tanta gente assim em toda minha vida. Da turma saíram risos e gargalhadas. O menino voltou para o seu lugar.

Ele se deslocou do seu lugar habitual e experimentou algo novo, que não faz parte de sua rotina escolar, um riso provocado pelo fato de se desafiar e superar o desafio proposto.

#### Cena 4: Eu quero declamar, mas não quero ser exposto – A timidez

Ainda nas declamações, um aluno queria declamar o poema escolhido, mas sentia muita vergonha. No início, ele ficou receoso em declamar. Não queria ir até a frente da turma. Rejeitou também a possibilidade de ficar em pé na sua cadeira. Falei que poderia declamar sentado em seu lugar. Ele aceitou a última possibilidade. Respirou fundo e, quando foi iniciar a declamação, começou a rir e escondeu o rosto. A turma inteira riu com ele, eu também. Foram várias tentativas. Respirar fundo, se preparar para começar, riso, rosto escondido, riso da turma e da professora. “Sôra, tem muita gente olhando!”. Sempre que se preparava para começar, sentado na sua cadeira, e desistia, a turma, em sua maioria, ria.

Percebi que ele estava disposto a declamar, mas a vergonha da exposição cortava a ação. Sugeri, então, que a turma não olhasse em sua direção. Olhamos para o outro lado, mas a tentativa ainda não foi bem sucedida. Outra ideia. “Pessoas, virem o rosto pra mim e fechem os olhos. Agora pode falar, não tem ninguém te olhando”, falei. As bochechas seguiam vermelhas, mas a ação se concretizou. O menino declamou o poema. A turma, entre gargalhadas, aplaudiu, espontaneamente.

#### Cena 5: Construindo rimas – A criação-imaginação que gera riso

Não imaginei que a criação de poemas seria tão demorada, mas, ao mesmo tempo, prazerosa. A tentativa de criação dos poemas de forma individual não evoluiu, gerou tumulto, pois eram muitas crianças pedindo ajuda ao mesmo tempo. Optei, então, em colocar os poemas no quadro. Um de cada vez. Assim a turma inteira, além de conhecer o poema dos colegas, poderia colaborar na sua construção.

Como citei acima, no roteiro da atividade, a criação de poemas deveria observar os seguintes requisitos: falar sobre um animal, poema com três versos, última palavra do primeiro verso rimando com a última palavra do último verso.

Coloquei, então, um poema de cada vez no quadro. As crianças olhavam, contavam se tinha os três versos e repetiam as últimas palavras do primeiro e último verso procurando a rima na sonoridade das palavras. Se o poema estava conforme os requisitos, era aprovado pela turma, caso contrário, a turma opinava sobre sua construção.

Quando não tinha rima, os colegas sugeriam outras combinações de palavras. Tendo mais de uma sugestão o “dono” do poema poderia escolher a que iria aceitar.

A brincadeira com as palavras era motivo de riso. A preocupação se dava com a rima e não com o conteúdo das frases, assim os poemas nem sempre faziam sentido. Essa brincadeira com as palavras e falta de sentido das frases gerava o riso em sala de aula.

Para ilustrar, trago um pouco da produção dos alunos.

Vaca preta, branca e chifruda

Com a cara dela

Assusta até a dona orelhuda



Figura 10 - Ilustração do poema

O papagaio é falante

Se misturar com uma girafa

Fica um autofalante



Figura 12 - Ilustração do poema

Boi branco

Nasceu tão tonto

Que um dia caiu do barranco



Figura 11 - Ilustração do poema

Cachorro engraçado

Só toma sorvete

Com melado



Figura 13 - Ilustração do poema

O sapo quando pula

Se imagina

Dançando ula-ula

A vaca é safada

Só fica

Inventando cilada



Figura 14 - Ilustração do poema

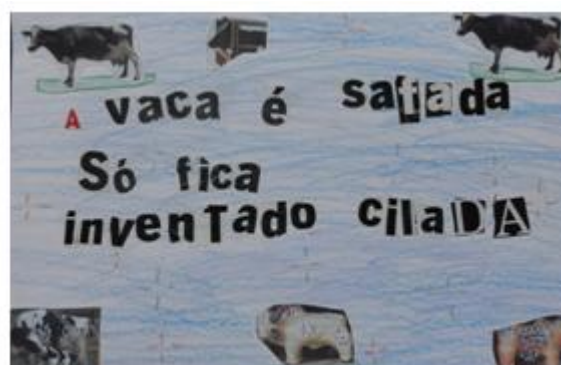


Figura 15 - Ilustração do poema

Cena 6: O mico da exposição – O riso pela vergonha de ser exposto

A conclusão das atividades do Projeto Leituração, que utilizei como recorte para trabalhar o riso em sala de aula, foi o encontro com o autor do livro Arca de Haicais, de Luís Dill. Nesse dia, apresentamos um vídeo, dividido em duas partes. A primeira mostrava as imagens dos trabalhos feitos pelos alunos, os poemas em suas ilustrações. A segunda trazia os alunos declamando seus respectivos poemas.

Quando a professora que coordenava o encontro anunciou que seria mostrado o vídeo, começou o riso entre os alunos da turma em questão. As professoras que estavam na organização da atividade e aquelas que acompanhavam outras turmas pediam, sem muito retorno, que os alunos ficassem em silêncio. Optei por não interferir nesse momento de riso e, apenas, observar a reação das crianças e demais professoras. “Vamos fazer silêncio agora, tá!”, “xiiiiiiii”. As crianças permaneceram um tempo inquietas sobre as cadeiras, riam, alguns escondiam o rosto dentro da camiseta, outros colocavam as mãos no rosto. As falas das professoras continuavam. “Tem que fazer silêncio agora pra gente poder escutar, tá!”, “tira a camiseta assim do rosto”, “xiiiiiiii”, “ó pessoal, vai começar, 3... 2... 1... boca de siri agora”.

Com alguma insistência, o pedido de silêncio foi atendido, mas ele teve curta duração. Começou a passar o vídeo, começaram a rir-se as crianças. Na primeira parte do vídeo, apresentação das imagens, o riso foi mais contido, na segunda

parte, declamação dos poemas, o riso foi maior. Mais uma vez, rostos escondidos, corpos inquietos sobre as cadeiras. “Esse é o maior mico da minha vida”, “Sôra, tu me meteu nisso”, “ai que vergonha”.



Figura 16 - Escondendo o rosto

#### 4 REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA

Na cena 1, a interação com o dicionário poderia se dar de forma monótona sendo direcionada diretamente para a função a qual se propunha na atividade realizada, mas deixar que as crianças o explorassem à sua maneira deixou o objeto mais interessante. As crianças reconheceram nele a possibilidade de muitas descobertas.

Cortar esse momento não direcionado de interação poderia ocasionar em uma relação ruidosa, em que o meu interesse como professora entraria em choque com o interesse curioso dos alunos, mas aceitar o desejo de explorar o novo objeto para depois, então, explorá-lo com determinado objetivo, tornou o dicionário algo interessante, algo que provocou o riso.

Segundo Lulkin (2007, p. 101) “o riso e o humor atraem a atenção dos alunos para determinados objetos de aprendizagem”. Assim o riso e o humor atraíram o olhar dos alunos para esse instrumento que pela primeira vez era utilizado em sala de aula.

Além disso, foi uma forma de colocar em pauta um assunto que muitas vezes é visto como tabu pelas famílias. As crianças puderem olhar, a seu modo e seu tempo, as imagens do corpo humano, e as que se encorajavam – porque considero um ato de coragem quebrar um tabu – puderam perguntar sobre partes que ainda hoje são consideradas como feias ou intocáveis. Para Justo (2006, p. 108), “pela via do humor [...] é possível abordar a sexualidade, mesmo nos mais contidos e policiados lugares”.

Na cena 2, o riso que se apresenta é um riso cômico, riso de um personagem, que não é a professora, mas um extraterrestre. E o riso surge porque existe um público, uma plateia que entra no jogo e se permite brincar. Os alunos, plateia, procuram meios de explicar para o ser de outro lugar o que é uma arca. Um barco que anda sobre a água. E explicar o que é barco e água. E haicais. Poemas. O que são poemas. Ao procurar formas de explicação as crianças criam formas de assimilação para si do que são essas palavras. Essa busca, criação, descoberta é feita em meio ao riso. E sem uma professora para controlar o que se fala e o quanto se ri, pois não é ela que está na sala.

Arriscar a criação de um personagem em sala de aula pode ser uma forma de suscitar o riso. Nesse caso, o riso aconteceu. E não foi apenas riso pelo riso mas, em meio à brincadeira, foi uma forma de apropriação de conceitos, de criar imagens para as palavras.

Assim como a percepção de Tatiana, nos escritos de Lulkin (2007, p. 118), percebo que o riso nasce, também, de uma atitude inesperada por parte de alguém. Nesse caso, a atitude inesperada é minha, de uma professora que cria um personagem para abordar uma questão em sala de aula. A interação com o personagem movimenta, mobiliza o pensamento dos alunos para que consigam dialogar com esse ser estranho. Isso gera o riso. A professora que cria um personagem, fato inesperado, gera o riso.

Além do fato inesperado, considero nessa cena, também a dimensão do disfarce, abordada por Bergson (1987, p. 29), quando afirma que “a pessoa que se disfarça é cômica”, discorrendo sobre o disfarce como uma forma de provocar o riso.

Na cena 3, o riso aparece quando o menino apresenta não estar no mesmo ritmo da turma, depois quando ele sai para executar a tarefa combinada, o que surpreende a maioria da turma, pois não é habitual que ele participe ativamente das atividades propostas e, por último, ao expressar seu encantamento com o ato de falar em público. Riem os colegas, ri o menino, ri a professora.

Pode-se considerar que o último trecho da cena representa a vivência da experiência estética em sala de aula. O mundo que chega para a criança através dos sentidos, através do contato com o desconhecido. E o desconhecido, para Bataille (ALBERTI, 1999, p. 23) pode ser, também, uma fonte de riso. Assim, a experiência estética e o riso se unem para permitir à criança outra forma de perceber o mundo, de entrar em contato com ele, uma forma que ultrapassa os limites do pensamento sério.

O menino sai do seu lugar, sobe na cadeira e declama seu poema. O que se espera é que ele desça e volte para o seu lugar. A atitude de sentar e verbalizar o sentimento foge do esperado. Além da cumplicidade presente no riso coletivo da sala de aula, pois muitas das crianças que presenciaram a cena igualmente nunca tinham falado para tanta gente em toda sua vida, aparece a quebra do que é esperado. Conhece-se a causa da ação que gera o efeito cômico e, por mais que não fosse esperada, é uma ação natural. Bergson (1987, p. 16) nos diz que “quando

certo efeito cômico derivar de certa causa, quanto mais natural a julgarmos, tanto maior nos parecerá o efeito cômico”.

Na cena 4, em que o menino quer declamar mas se sente envergonhado, o riso se apresenta e torna o momento mais leve, o tempo de que o menino precisa para se convencer de que pode se expor sem ter medo do ridículo é amenizada pela cumplicidade do riso dos colegas, pois, conforme Lulkin (2007, p. 93), "o humor permite uma circulação contrária ao enrijecimento, com o fluido dissolvendo os aspectos rígidos ou assentados em determinadas convenções e poderes”.

O riso alivia a tensão do momento, resignifica a ação.

O deslocamento do humor equilibra e torna a reequilibrar em outro plano, num salto de linguagem, numa concordância a priori - não sobre o sentido que será compartilhado a seguir, mas na disposição de lançar-se ao espaço incerto que esse deslocamento propõe - até que novo sentido seja reestabelecido, sem maiores explicações. (LULKIN, 2007, p.86)

Ainda nessa cena, o riso não é elemento de menosprezo, mas de cumplicidade. Rir-se do menino que sente vergonha de se expor não foi uma forma de torná-lo menor, mas de se solidarizar com seu desejo e seu medo. Para Bergson (1987, p. 13) “o riso (...) oculta uma segunda intenção (...) quase de cumplicidade, com outros galhofeiros, reais ou imaginários”.

Para Bergson (1987, p. 43-44) o riso pode ser provocado por uma repetição de expressão, não qualquer repetição, mas onde exista “em geral dois termos de confronto: um sentimento comprimido que distende como uma mola, uma ideia que diverte em comprimir de novo o sentimento”.

Há um desejo de falar que distende como uma mola, que quer provocar uma ação por parte do aluno e, no sentido contrário, um sentimento de vergonha, comprimindo o desejo de expor-se, formando um movimento de repetição, uma tentativa de ampliar o movimento e um retorno ao ponto inicial, provocando o riso.

Para Lulkin (2007, p. 99)

Pensar o riso implica pensá-lo como possibilidade de algo que nasce e desaparece sem motivo aparente, algo que não esteja sempre confundido com a troça, com o menosprezo e com uma ideia de superioridade sobre os demais. Uma pequena fagulha de felicidade, uma pequena memória deslocada no tempo, um riso silencioso que se introduz aos poucos em nosso pensamento, algo furtivo, algo da criança curiosa, do jovem subversivo e anárquico, algo que transborda o limite da razão e nos transporta para um breve momento de evasão.



Na cena 5, aparece o trabalho com a construção de rimas. Um jogo de palavras, jogo com as palavras. Uma brincadeira que gera o riso. O que guia a construção das rimas não é a razão, mas a imaginação. Ao dizer que “o gato de pijama / faz música / na cama<sup>7</sup>” percebemos que é uma afirmativa lógica, possível. Para Bergson (1987, p. 29) “existe, pois, uma lógica da imaginação que não é a lógica da razão, que chega inclusive a contrastar com ela às vezes”, creio que essa ideia se aplique a essa situação, das rimas.

Para Alberti “o jogo de palavras [...] liga dois círculos de ideias distantes, pelo emprego da mesma palavra ou de palavra semelhante, o que só é possível porque a ideia de palavra está isolada da sua relação com a ideia da coisa” (1999, p. 18). Utilizo de outro poema para ilustrar a questão: “Cachorro engraçado / só toma sorvete / com melado<sup>8</sup>”. O riso é provocado por um jogo de palavras que estabelece uma relação pela sua sonoridade. A busca por encontrar palavras para o texto era feita justamente baseada na questão sonora, não pela ideia da palavra.

Ao colocar o poema criado pelos alunos no quadro e perguntar se tinha ficado bom, a resposta vinha após repetirem a frase buscando ouvir o resultado alcançado com a sonoridade. Quando não existia rima, geralmente, a resposta era “mas isso não tem rima, Sôra”.

Os jogos de palavras são considerados uma fonte de prazer “porque nos permitem dispensar a relação de sentido entre as palavras e as coisas”, sendo assim, “o não-sério, ou o não-lugar da linguagem [...] o lugar onde as palavras não significam as coisas e ‘jogam’ entre si como nos jogos de infância” (1999, p. 19).

Na cena 6, o riso é coletivo pelo sentimento de vergonha ao ser exposto para um grande número de pessoas. A exposição é indireta, pois o que está sendo mostrado é um vídeo. Assim o riso acontece, não só pelo fato de outras pessoas estarem observando a exposição, mas das próprias crianças estarem se vendo na tela.

“Os eventos cômicos fazem parte de nosso cotidiano e se repetem de forma tão casual que se tornam ‘naturalizados’” (LULKIN, 2007, p. 99). Por se tornarem naturalizados, esses momentos de riso podem passar despercebidos, ou serem, por

---

<sup>7</sup> Poema criado por uma aluna.

<sup>8</sup> Poema criado por um aluno.

vezes, até silenciados, como aconteceu nessa situação, em que alguns professores solicitavam aos alunos que fizessem silêncio. Se o riso aparece de forma sadia, como nesse caso, é importante que seja permitido, é a externalização de um sentimento coletivo, uma forma de assimilação do acontecimento vivido.

Outra dimensão do riso despertado nessa cena é a aquela apresenta por Alberti (1999, p. 23), ao se referir ao pensamento de Bataille, dizendo que também o desconhecido faz rir. O riso “remete à necessidade (ou à impossibilidade) de se ultrapassar os limites do pensamento”.

Além da exposição na tela, as crianças tinham ainda a novidade do encontro com o autor do livro que havia sido trabalhado. Uma pessoa que se tornou íntima delas, presença na sala de aula por muitos dias, mas que não conheciam pessoalmente. Riam-se desse encontro também. Um desconhecido, conhecido.

Desconhecido era também o vídeo exibido na tela, pois, por mais que fossem seus rostos e suas vozes, não tiveram a oportunidade de assistir em conjunto, anteriormente, o resultado do trabalho.

Volto aqui, ao momento da gravação do vídeo, no qual o riso também se fez presente. Não se está exposto a um grande grupo, mas à professora com uma câmera na mão. O poema era repetido, uma, duas, três ou mais vezes. Com diferentes tons, diferentes velocidades. A repetição era feita para mudar o ritmo da fala, ou porque no meio do poema houve uma troca de palavras, ou o esquecimento delas, também porque as crianças riam e não conseguiam terminar a frase.

Para Lulkin (2007, p. 93)

o humor faz "deslizar" um terceiro sentido entre os sentidos contrários, para romper com a mecânica do que já estava previsto: dizer uma e outra vez a mesma sentença, agora com o incidente do equívoco, com o risco decorrente do erro ou da palavra truncada [...].

A repetição da frase se dava, muitas vezes, de forma truncada, o rosto era escondido, até que a criança se sentisse à vontade para olhar a lente e pronunciar a frase inteira.

Essas cenas demonstram como o riso pode acontecer de forma fácil em sala de aula, bastando, às vezes, um olhar atento do professor e um policiamento também. Pois a alegria gerada pelo riso carrega a necessidade de movimento do

corpo, o que desestabiliza a ordem, as filas, o silêncio da sala de aula e que foi trazido no início do texto.

A reflexão que nasce desse relato detalhado e do diálogo com os autores me impele a discutir porque é importante incentivar e permitir o riso em sala de aula e pensar como ele pode se tornar um instrumento pedagógico, de modo que as atividades sejam pensadas com uma margem para seu aparecimento, com a intenção de provocá-lo.

## 5 POR QUE PERMITIR O RISO EM SALA DE AULA?

Antes de destacar os pontos que considero importantes nesse trabalho para que o riso seja não só permitido, mas incentivado em sala de aula, perambulei pela internet em busca de informações sobre a importância do riso e sua relação com a qualidade de vida.

São muitos os sites que trazem textos abordando o assunto<sup>9</sup>. Eles apresentam o riso como uma terapia; razões para rir intensamente; motivos para rir mais tempo e mais vezes; cinco, sete, dez, onze benefícios do riso. Nessa busca consegui identificar até 17 motivos para rir. Antes de colocá-los aqui, trago uma ideia do que era apresentado no início das reportagens e artigos sobre o assunto.

As chamadas apontam o riso como uma terapia gratuita, a melhor terapia. Falam sobre os benefícios do riso para o corpo e a mente. A explosão de alegria provocada pelo riso pode começar em um simples sorriso e evoluir até uma gargalhada. Esse ato complexo faz bem para a saúde, torna a pessoa mais feliz, saudável e satisfeita.

Três dos sites pesquisados traziam a frase, remetida a Charles Chaplin, que diz que “um dia sem rir é um dia desperdiçado”.

O riso é apresentado como uma possibilidade de cura, com benefícios que vão da cabeça aos pés. Um milagroso remédio. Eis os 17 motivos para rir que destaquei:

1. O riso contra a depressão. A terapia do riso pode diminuir a depressão, angústia e falta de auto-estima.
2. Reduz a insônia. Pesquisas mostram que rir melhora a qualidade do sono, reduzindo a insônia.
3. Combate dores. Rir pode reduzir até 10% da dor que a pessoa está sentindo, segundo uma pesquisa da Universidade de Oxford, na Inglaterra.

---

<sup>9</sup> Lista dos sites de onde foram retiradas as informações:  
<http://www.clinicameihua.pt/MedicinaChinesa/7beneficiosdoriso.aspx>;  
<http://meuartigo.brasilecola.com/saude/os-beneficios-riso.htm>;  
[http://www.wambie.com/tuttifrutti\\_br/noticias/OS\\_BENEFICIOS\\_DO\\_RISO-noticia\\_br-642.html](http://www.wambie.com/tuttifrutti_br/noticias/OS_BENEFICIOS_DO_RISO-noticia_br-642.html);  
<http://www.busquequalidadedevida.com.br/?p=2752>; <http://www.minhavidacom.br/bem-estar/galerias/13491-11-beneficios-que-o-riso-traz-para-a-sua-saude>;  
<http://corpoacorpo.uol.com.br/corpo-e-rosto/cuidados-com-o-corpo/sorria-conheca-5-beneficios-do-riso/2215>; <http://www.tutomania.com.br/saiba-mais/beneficios-do-riso-para-a-saude>.

4. Faz bem ao coração: quando começamos a rir, o ritmo cardíaco acelera, ou seja, os batimentos cardíacos aceleram, aumentando a circulação do sangue e, conseqüentemente, a oxigenação das células. Isso reduz as chances de doenças cardíacas.
5. Melhora a pressão arterial: uma pesquisa mostrou que o estresse pode reduzir o fluxo de sangue em até 35%. Já as risadas podem aumentar em 22% esse fluxo, o que diminui a pressão arterial.
6. Colesterol e diabetes. As gargalhadas, associadas ao tratamento com remédios, potencializam a redução do colesterol ruim e da diabetes.
7. Limpa os pulmões e os deixa mais fortes. Quando rimos há uma maior absorção de ar que elimina mais rápido o excesso de dióxido de carbono dos pulmões, fazendo a desintoxicação.
8. Facilita a digestão. Rir estimula os músculos abdominais, que fazem um movimento que se assemelha a uma massagem no sistema gastrointestinal, provocando uma melhora na digestão.
9. Fortalece os laços. O riso age como uma forma natural de aproximação entre as pessoas e fortalece os laços de grupo de pessoas que riem juntas.
10. Alivia o estresse. Rir aumenta a liberação de hormônios como a endorfina, que provocam uma sensação de bem-estar e diminuem a liberação de hormônios como o cortisol, que prejudicam a sensação de sentir-se bem. O riso espanta o mau humor.
11. Aumenta a imunidade. Quando rimos, o corpo produz anticorpos e células de proteção. O cérebro, ao ser estimulado pelo riso, é estimulado a liberar serotonina, neurotransmissor que ativa as células de defesa do organismo.
12. É um exercício físico. O riso trabalha o abdômen, as pernas, os músculos das costas, os pés. Ele pode se apresentar como uma alternativa para as pessoas idosas que estão impossibilitadas de se exercitar.
13. Emagrece. Com 10 a 15 minutos de gargalhada por dia a pessoa pode queimar até 40 calorias. Rindo de 100 a duzentas vezes durante o dia, o esforço cardiovascular se compara ao utilizado em 10 minutos de corrida.
14. Melhora a auto-estima. O riso deixa as pessoas mais leves e ajuda a aliviar as sensações negativas, elevando o alto astral.
15. É um ótimo relaxante.

16. Estimula novas ideias, deixa a pessoa mais criativa e potencializa a imaginação.

17. Elimina rugas. O exercício facial provocado pela gargalhada movimenta até 24 músculos.

Os benefícios do riso que encontrei nessa busca se referem à saúde, bem estar, criatividade. Demonstram seu bom desempenho tanto em relação aos aspectos físicos do corpo, quanto aos aspectos psicológicos.

Os Doutores da Alegria são um bom exemplo do riso e da alegria utilizados na área médica como auxílio na recuperação de pacientes.

Após esse passeio, retorno ao riso em sala de aula, o riso como possibilidade de transformação desse espaço, como instrumento pedagógico utilizável no processo de ensino aprendizagem.

Lulkin (2007, p. 100) coloca que a presença do

riso e do humor na ação pedagógica [...] também depende de uma escolha pessoal, subjetiva, que se habitua a estar num estado brumoso, onde não há absoluta certeza quando escolhe os seus recursos didáticos. Parece ser ao acaso, ao gosto dos temperamentos, de subjetividades.

Com isso, coloca o riso ao gosto do professor, um elemento que pode surgir, ou não, em sala de aula, a partir da postura adotada dentro do espaço educacional. O riso pode, assim, ser negado, provocado ou permitido quando surge ao acaso.

O riso que aparece nesse trabalho é esse que surge ao acaso, pois as cenas registradas em sala de aula não são fruto de uma escolha didática que tivesse por objetivo provocá-lo. Voltar o olhar para essas cenas é uma tentativa de identificar como o riso surgiu e pensar, agora sim, em recursos didáticos que podem provocá-lo, indo além da naturalidade de seu surgimento e pensando como instrumento pedagógico, pois, segundo Lulkin (2007, p. 101), ele traz benefícios ao ambiente escolar.

Nos espaços escolares, o discurso sobre o bom humor e o riso fala de manifestações prazerosas na interação, valendo como forma saudável de relação entre professores e alunos. (...) o riso e o humor atraem a atenção dos alunos para determinados objetos de aprendizagem; o humor ajuda a reduzir a tensão mental e física, o riso serve como antídoto para os atritos, podendo tornar o processo de interação mais "leve" e evitando a monotonia.

Passando pelos benefícios do riso encontrados na internet e chegando a esse fragmento de Lulkin já temos bons motivos para falar da importância de rir em sala de aula. Apresentado como forma de relação saudável entre alunos e professor, pode aliviar a tensão do espaço educacional, aproximando seus agentes, desconstruindo a ideia de autoridade que permeia a sala de aula. Pode ser uma forma de deixar mais íntimos quem, diariamente, se encontra entre as quatro paredes de uma sala com o objetivo de ensinar e aprender. Estando mais próximos, com maiores laços afetivos, ambos, professor e aluno podem entender mais facilmente os anseios um do outro, ampliando, também, o respeito mútuo.

Quantas vezes, enquanto alunos, nos deparamos com aulas chatas, com assuntos que não despertavam o menor interesse, mas que eram necessários no dia da prova. Lembro-me do primeiro ano do Ensino Médio, aulas de física, um trem passado sobre a ponte, quanto tempo, que velocidade, qual é a distância. Questão de prova, erro certo. Quem sabe um evento cômico, uma simulação engraçada, não teria mudado minha relação com essa questão?

Falando das cenas de sala de aula desse trabalho, vale lembrar o interesse pelo dicionário. A tentativa de explicar o que eram as palavras arca e haicais. O riso atraindo a atenção para temas e questões na sala de aula.

Trago na memória, também, os dias em que, substituindo uma professora, precisava dar aulas de matemática para o quarto ano. Muitos alunos não compreendiam o enunciado das questões, eu não conseguia me fazer entender por eles. Na ânsia por superar as dificuldades de compreensão chamei alguns alunos para encenar o que descreviam nos problemas matemáticos. Quando necessário, juntávamos os lápis de muitos estojos e tornávamos reais os problemas. O riso era certo, e o entendimento vinha com ele.

Isso fez com que os alunos se interessassem pela atividade, se apropriassem das formas de resolução. O riso como instrumento pedagógico que desperta o interesse para determinado objeto de estudo.

Ao estudar o riso no pensamento do século XX, Alberti (1999, p. 11-12) aponta que “o riso partilha, com entidades como o jogo, a arte, o inconsciente etc, o espaço do indizível, do impensado, necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites”. Entendo, dessa forma, que o riso deixa o sério mais interessante, mais palpável para a criança, motiva novas descobertas e é motivado por elas, assim, “o riso e o cômico são literalmente indispensáveis para o

conhecimento de mundo, para a apreensão da realidade plena”, ao mesmo tempo em que tornam o espaço escolar mais leve.

Alberti, ao citar a expressão “colocar o boné de bufão”, utilizada por Ritter (1903) diz que “em sua trilha seguirão outros autores, que também veem no riso uma redenção para o pensamento aprisionado nos limites da razão”, podendo ser um instrumento que agiliza, ou desperta o potencial criador em sala de aula. É o riso que ultrapassa os benefícios para o corpo e o bem estar e se insere como elemento do pensamento sério.

Para Justo (2006, p. 118), “na sala de aula são inúmeras as situações desse tipo de humor relâmpago (que é produzido aproveitando as ocorrências do momento) produzido tanto pelo professor quanto pelos alunos”, porém não é tranquilo esse adentrar do riso no mundo da razão ou no ambiente escolar. Segundo Lulkin (2007), os momentos de riso podem ser cortados por um olhar, fala ou gesto disciplinador, assim, é preciso, urgente e necessário procurar meios de conciliação entre a necessidade de concentração e a possível descontração trazida pelo riso em sala de aula.

Entretanto faz-se importante alertar para o que nos diz Justo (2006, p. 118), pois “é também visível que em muitos casos a intervenção cômica tem o sentido de provocar o professor, fazer pilhéria com o assunto tratado em aula, badernar a situação [...]”. Mesmo nesse caso entendo que não será o gesto disciplinador do professor uma boa forma de reverter a situação, pois isso pode criar um momento de enfrentamento professor x aluno.

No diálogo com Justo (2006, p. 108) tomo propriedade do seu pensamento para reforçar a importância de dar risada na escola, pois, para ele

o humor [que nasce nos momentos de riso] possui [...] um papel importantíssimo na economia psíquica e nas relações sociais [...] permite catarses individuais e coletivas, driblando a censura e criando expedientes para a expansão da linguagem, da comunicação e dos relacionamentos sociais.

Tomaria o riso a função de tornar a sala de aula um espaço que não está sendo somente ocupado, mas habitado pelos seus atores, uma forma de professor e aluno se apossarem da sala de aula e do que acontece dentro dela. Para Justo (2006), é fundamental a presença do humor nas interações que acontecem no



espaço de aprendizagem, não só nas atividades dirigidas, como na forma de relação entre os sujeitos habitantes desse espaço.

Queiros e Santana (2010, p. 02) entendem o riso como instrumento que melhora a relação professor x aluno e, com isso, torna o segundo mais disponível para os processos de aprendizagem em sala de aula.

O educando que mantém uma boa relação com professores, com eles trocando impressões através de brincadeiras e considerações sobre os mais diversos assuntos, parece mais apto aos estudos. Assim, seu estado psicológico e emocional torna-o mais sensível e receptivo e, como isso, participa com mais interesse das atividades para a aprendizagem.

Que professor não gostaria de ver seus alunos interessados no objeto de estudo? Empolgados ao fazer novas descobertas? Motivados a encontrar formas de resolver problemas?

Se o riso suscitar a aprendizagem e for, para o aluno, uma experiência de sucesso, este construirá uma representação positiva de si como alguém que é capaz de aprender e sentir prazer nisso. (QUEIROS; SANTANA, 2010, p. 02)

Sendo ele o que surge metido no meio da aula, ou instrumento pedagógico propositalmente utilizado, dependerá da postura do professor aproveitá-lo.

A felicidade será percebida através do riso fácil, brilhante, descontraído, pela alegria dela decorrente. Este estado emocional é muito importante e deve ser percebido pelo educador, para que possa, através da sua prática pedagógica, usá-la a fim de se canalizar para o processo ensino-riso-aprendizagem. (QUEIROS; SANTANA, 2010, p. 03)

O riso se mostra, assim, como um eficiente instrumento pedagógico. Chama a atenção das crianças para um objeto de estudo, alivia as tensões, melhora a relação entre professor e aluno, torna a pessoa mais disponível para a aprendizagem. Justo (2006) reforça essa ideia ao dizer que

o que é compartilhado na situação de grupo com a intermediação do humor é a alegria, a satisfação, o prazer de estar juntos. Seu poder de produzir catarses, ou seja, de liberar no grupo afetos, sentimentos e ideias contidos e silenciados, propicia a profunda comunhão de prazeres proibidos, celebrando um pacto orgiástico" (JUSTO, 2006, p. 112)

Saliento que desde o estágio curricular do Curso de Pedagogia tive a preocupação de olhar se as crianças se divertiam em sala de aula, mas não pensava nessa situação como um sentimento que pudesse ser originado garantindo a presença do humor na atividade pedagógica e nem como objeto de estudo, era apenas um cuidado de quem acredita que as coisas se tornam mais agradáveis quando feitas com prazer.

No momento, a cada parágrafo lido, a cada linha escrita, reforço minha preocupação com o prazer no espaço escolar, mas agora além de ser uma postura pessoal é, também, uma opção pedagógica.

No espaço micropolítico da sala de aula, o humorismo ressoa profundamente nas subjetividades e nas relações aí estabelecidas. Pela via do humor se abre a possibilidade de expressões de ideias e afetos contidos e policiados, sob o patrocínio de uma atmosfera mais licenciosa, tolerante, flexível e permeada pela alegria e desenvoltura. A subversão da linguagem convencional, típica do humor, também subverte as relações formalmente instituídas, abrindo espaço para novos arranjos de papéis e modificações nas relações de poder. A descontração propiciada pelo riso permite a superação de inibições e maior arrojo do sujeito na expressão de seus pensamentos e sentimentos e na sua exposição no grupo. (JUSTO, 2006, p. 117)

A sala de aula é um espaço político, um espaço de relações de poder que, por muito tempo, foi tida como um lugar ocupado por um ser iluminado, professando o conhecimento para seres sem luz. Ideia que vem sendo desconstruída, mas que ainda se mantém dessa forma em muitas práticas. Justo (2006) nos ajuda a pensar o humor como uma das formas de transformar essa realidade, muitas vezes engessada, desse espaço. Flexibilidade, subversão, expressão de sentimentos, transformação das relações são alguns dos seus benefícios.

Eis a importância de se trabalhar o riso na escola. Eis a necessidade de pensá-lo, diariamente, como ferramenta para tornar a escola um lugar em que todos,

professores e alunos, sintam prazer em habitar, em tornar-se parte. Onde as relações sejam sadias e não regadas de autoritarismos e caras feias.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos momentos da nossa história o riso e as escritas sobre o riso foram controlados. “De acordo com Krystyna Promosrka (1984), na Rússia dos anos de 1930 havia um controle dos escritores e de sua produção, com atenção especial para alguns tipos de riso, ironia e sátira.” (LULKIN, 2007, p. 67). Isso reflete da ideia de que o riso pode ser um elemento questionador do poder e da ordem estabelecidos. Uma ideia que, certamente, se espalha nos interiores das salas de aula ainda hoje, pois pouco se vê ou se ouve o riso ocupando esse espaço.

Justo (2006, p. 108) apresenta o riso como "um trabalho do pensamento e da linguagem contra o convencional e o instituído. É subversivo por excelência, criativo e avesso ao controle".

Entendo que esse pensamento pela experiência que me propus a fazer, de deixar o riso acontecer em sala de aula, pois junto com ele vêm murmúrio, conversas paralelas e corpos que não se acomodam na cadeira. Isso faz com que quem está no lugar de autoridade, nesse caso o professor, perca, de certa forma, o controle da turma. Eu não quero ser a autoridade, não quero ter o controle, mas isso acaba acontecendo, pois o lugar que o ocupo é esse, de quem é e tem a autoridade, de quem exerce o controle, o comando.

Descobri, na busca pelo riso em sala de aula, o quanto nós professores somos autoritários e podamos a liberdade de expressão dos nossos alunos em nome da ordem, da concentração e da suposta aprendizagem séria, que sem humor se torna, também, maçante, pesada, não despertando o prazer da construção do conhecimento.

Estudar o humor e o riso implica um movimento das ideias e um engajamento físico e intelectual. Aproximar-se e afastar-se: o humor solicita mobilidade e a mobilidade provoca inteligência, que deve capturar o evento cômico na velocidade que lhe é peculiar. Um evento cômico é algo como uma pequena fagulha, uma rápida fricção de ideias, um desacerto inesperado, um entrecruzar de enunciados que embaralham os dados e lançam, no espaço do jogo, um pequeno e intenso caos. Caos onde os dados são lançados à sorte, à chance - o fenômeno inesperado, o acontecimento patafísico (LULKIN, 2007, p. 98-99).

É oportuno retomar o início desse trabalho. O incômodo com uma prática de sala de aula que começava a se tornar mecânica, que começava a levar ao

esquecimento dos sonhos de uma estudante de pedagogia que queria fazer da sala de aula um espaço de prazer, um lugar colorido com a alegria de alunos e professores.

Refletir sobre o riso reanimou esses pensamentos. Olhar o riso em sala de aula fez perceber que é possível rir e produzir. Rir com os alunos me mostrou como os laços podem ser estreitados, até o ponto de ouvir de um pai: "Nem ia trazer na aula hoje, mas já tava chorando porque não queria perder a aula da Sôra Vanessa". Foi, em alguns momentos, uma experiência angustiante. Qual é a medida do riso? Até onde podemos rir num ambiente de aprendizagem? Será que os momentos de riso contribuem mesmo com a sala de aula?

Os alunos, mesmo com pouco tempo de escola, já trazem marcada no corpo a ideia de que a sala de aula é um lugar de silêncio, com crianças sentadas, que primeiro ouvem, depois, se possível, falam. Assim, há uma grande dificuldade ao se permitir a entrada do riso em sala de aula, pelo menos foi a grande dificuldade sentida em minha prática docente.

"A resistência, o "anti-riso", digamos assim, é uma proteção contra a extrapolação ou a desordem que o evento cômico pode provocar" (LULKIN, 2007, p. 110). O riso desestabiliza a ordem estabelecida, tira do foco o lugar de autoridade ocupado pelo professor, permite conversas paralelas e corpos em agitação sobre as cadeiras.

Para Lulkin (2007, p. 110)

o ideal do anti-riso [...] se fundamenta no controle do silêncio e na correção da palavra. A disciplina é sua lei, e a sua virtude é a escuta: não a escuta ao outro que pode ser um provocador do efeito cômico, mas a escuta como obediência silenciosa à palavra do mestre.

Eis a dificuldade, garantir que mesmo em meio ao barulho e ao movimento, a sala de aula continue sendo um espaço de aprendizagem, que o riso não seja confundido com bagunça e com falta de ordem, saber aproveitar o riso metido no meio do sério, sem que a seriedade do processo de ensino e aprendizagem seja ignorada. De acordo com Lulkin (2007, p. 102) é possível que se garanta a seriedade da educação em meio ao riso, pois, segundo ele "a educação que contemplar-se com uma boa dose de humor não será menos rigorosa do que aquela disposta aos domínios do drama e do trágico".

Durante as leituras realizadas para desenrolá-lo desse trabalho fui percebendo que, embora a provocação consciente de momentos de riso em sala não fosse minha ideia inicial, que o planejamento das atividades não tinha como foco provocar o riso, alguns elementos que eu me propunha a utilizar tinham um fundo cômico. Essa percepção vai além das cenas registradas no corpo da monografia e se estende a outros momentos da sala de aula. Mudar o tom de voz e a postura corporal, assumindo uma professora carrasca diante de um momento de desorganização generalizado da turma. Exagerar a possível desgraça de ser professora quando um aluno perguntava algo que já havia sido explicado mais de uma vez. Subir nas mesas e cadeiras e arrastar-se pelo chão, utilizar intensidade de voz do cochicho aos gritos no momento de contar uma história.

Percebo agora que o riso em sala de aula estava mais presente em minha prática docente do que eu poderia supor e acredito que a forte ligação e cumplicidade que consegui estabelecer com os alunos durante esse tempo é fruto da produção de eventos cômicos, que banham de maleabilidade e proximidade a relação professor-aluno.

Enquanto chego ao fim das escritas desse trabalho, sinto-o apenas no começo. Vontade de voltar ao início e lançar outros olhares para o dia-a-dia na sala de aula. Mas, até aqui, o caminho foi feito e possibilitou a percepção de como a presença do riso faz diferença na sala de aula. Porém, fica o desejo de pensá-lo como instrumento pedagógico e debruçar-me com mais atenção sobre sua ação no desenvolvimento cognitivo da criança.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / FGV, 1999.

BENEFÍCIOS do riso para a saúde. Texto. Disponível em: <http://www.tutomania.com.br/saiba-mais/beneficios-do-riso-para-a-saude>>. Acesso em 03: jan. 2013.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CARUSO, M; DUSSEL, I. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

CINCO benefícios do riso para sua vida. Texto. Disponível em: <http://www.busquequalidadedevida.com.br/?p=2752>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

DAVI, T. N. **RISO**: A carnavalização da sociedade. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/4.Tania-Nunnes-Davi.pdf>>. Acesso em: 29\_out. 2012.

DILL, L. **Arca de haicais**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

EDUCERE ET EDUCARE. Cascavel: UNIOESTE, 2006-. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare14>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

GONÇALVES, C. **Benefícios que o riso traz para a sua saúde**. Reportagem do site Minha Vida. Disponível em: <http://www.minhavidacom.br/bem-estar/galerias/13491-11-beneficios-que-o-riso-traz-para-a-sua-saude>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

JUSTO, J. S. Humor, educação e pós-modernidade. In: ARANTES, V. A. (ORG). **Humor e Alegria na educação**. São Paulo: Summus, 2006. Disponível em: <http://www.misteriosdocotidiano.com.br/materias/ler-livro-online-gratis-humor-e-alegria-na-educacao-pdf/>>. Acesso em: 23 dez. 2012.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas, mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, P. **Os benefícios do riso.** Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/saude/os-beneficios-riso.htm>. Acesso em: 03 jan. 2013.

LULKIN, S. A. **O riso nas brechas do riso.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: [www.bibliotecadigital.ufrgs.br](http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br). Acesso em: 28 jul. 2012.

OS BENEFÍCIOS do riso. Notícia do site Wambie. Disponível em: [http://www.wambie.com/tuttifrutti\\_br/noticias/OS\\_BENEFICIOS\\_DO\\_RISO-noticia\\_br-642.html](http://www.wambie.com/tuttifrutti_br/noticias/OS_BENEFICIOS_DO_RISO-noticia_br-642.html). Acesso em: 03 jan. 2013.

QUEIROS, C. C.; SANTANA, M. A. O riso na sala de aula e suas implicações no processo ensino-aprendizagem. In: Educere et Educare, Revista de Educação. V. 5, nº 10, 2º semestre de 2010.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. In: Psicologia & Sociedade; Volume 21, Número 2: 166-173, 2009. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/viewarticle.php?id=627>. Acesso em: 20 ago. 2012.

SARMENTO, C. **Sorria:** conheça 5 benefícios do riso. Reportagem da revista Corpo a Corpo. Disponível em: <http://corpoacopo.uol.com.br/corpo-e-rostocuidados-com-o-corpo/sorria-conheca-5-beneficios-do-riso/2215>. Acesso em: 03 jan. 2013.

SCOTTON, M. T. **O riso na sala de aula.** Disponível em: <http://conversasbakhtinianas.blogspot.com.br/2009/10/o-riso-na-sala-de-aula.html>. Acesso em: 26 out. 2012.

SETE benefícios do riso: rir é uma terapia gratuita. Texto. Disponível em: <http://www.clinicameihua.pt/MedicinaChinesa/7beneficiosdoriso.aspx>. Acesso em: 03 jan. 2013.

SOBRE os doutores. Apresentação da ONG. Disponível em: <http://www.doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-os-doutores/>. Acesso em: 03 jan. 2013.

VARGAS, J. **Sociologia.** Porto Editora, 2002, pp. 119-120. Disponível em: <http://cadernosociologia.blogspot.com.br/2009/11/observacao-participante.html>. Acesso em: 28 abr. 2012.